



A história no/do discurso: por uma ciência da linguagem no Brasil

The history in/from discourse: for a science of the language in Brazil

La historia en el/del discurso: por una ciencia del lenguaje en Brasil

Marco Antonio Almeida Ruiz¹
Roberto Leiser Baronas²

Resumo

Compreender os caminhos da emergência da análise do discurso no/do Brasil e os seus deslocamentos epistemológicos torna-se uma tarefa, às vezes, bastante complexa dadas as diferentes vertentes e correntes discursivas brasileiras que, atualmente, se desenvolvem em nosso espaço de pesquisa. Contudo, é necessário empreender tal estudo, pois, trata-se de uma geografia particular e heterogênea (sobre o) do discurso. Assim, é preciso observar a construção de nossa história discursiva, sem, contudo, negar as influências estrangeiras, sobretudo a francesa, fonte de inúmeras reflexões que constituem-nos teoricamente enquanto pesquisadores. Neste artigo, temos como objetivo apresentar de maneira introdutória um primeiro esboço analítico acerca do processo de emergência de uma análise do discurso brasileira, além de observar a sua própria prática científica – por meio de acontecimentos metadiscursivos – promovida por diferentes teorias brasileiras de discurso.

Palavras-chave: epistemologia da análise do discurso, recepção brasileira; teorias brasileiras de discurso.

Abstract

Understanding the ways of the emergence of discourse analysis in Brazil and its epistemological displacements becomes a task, sometimes quite complex given the different Brazilian currents and discourses that currently develop in our research space. However, it is necessary, therefore, it configures itself as a particular and heterogeneous geography of studies (on the) of discourse. It is therefore necessary to observe the construction of our discursive history, without, actually, denying the foreign influences, especially the French, source of countless reflections that constitute us theoretically as researchers. In this article, we aim to present the first analytical outline of the emergence of an analysis of Brazilian discourse, as well as observing its own scientific practice - through metadiscursive events - promoted by different Brazilian theories of discourse.

Keywords: epistemology of discourse analysis, Brazilian reception; Brazilian discourse theories.

¹ Recém-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFSCar) e pelo Colégio de Sociologia da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). E-mail: marcoalmeida.ruiz@gmail.com.

² Professor Associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: baronas@ufscar.br.



Resumen

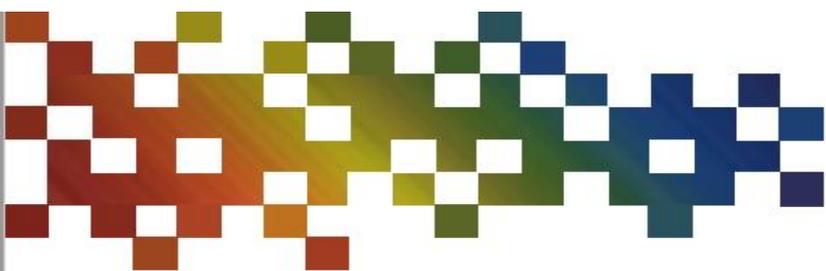
Comprender los caminos de la emergencia del análisis del discurso en Brasil y sus desplazamientos epistemológicos se vuelve una tarea a veces bastante compleja dadas las diferentes vertientes y corrientes discursivas brasileñas que actualmente se desarrollan en nuestro espacio de investigación. Sin embargo, es necesaria, pues, se configura como una geografía particular y heterogénea de estudios (sobre el) del discurso. Es necesario, pues, observar la construcción de nuestra historia discursiva, sin, sin embargo, negar las influencias extranjeras, sobre todo la francesa, fuente de innumerables reflexiones que nos constituyen teóricamente como investigadores. En este artículo, tenemos como objetivo presentar de manera introductoria un primer esbozo analítico acerca del proceso de emergencia de un análisis del discurso brasileño, además de observar su propia práctica científica - por medio de acontecimientos metadiscursivos - promovida por diferentes teorías brasileñas de discurso.

Palabras clave: epistemología del análisis del discurso, recepción brasileña; las teorías brasileñas de discurso.

1. Introdução

Qual é a herança da análise do discurso no contexto brasileiro? O que é essa prática de pesquisa científica e como se constitui em nosso país? É, pois, algumas dessas questões que queremos tratar neste artigo. É possível pensarmos que a problemática de nossa investigação está pautada em torno dos percursos históricos dos estudos discursivos no Brasil. Assim, quando buscamos descrever a história trilhada por essa disciplina, é muito difícil descrevermos alguns dos escritos fundadores: não existe equivalentes como no caso de Newton; Pasteur, Durkheim, Freud, ou mesmo de Saussure, ou seja, personalidades cujo papel fundador é reconhecido pelo conjunto da comunidade científica na qual eles se inscrevem. Trata-se de um espaço de pesquisa bastante amplo e que não se pode reportar a um único lugar de emergência preciso. Frequentemente atribui-se um papel fundador a pensadores como E. Goffman, L. Wittgenstein, M. Foucault, A.-J. Greimas, M. Bakhtin ou M. Pêcheux. Eles desempenharam inegavelmente um papel importante, mas a contribuição de cada um não concerne mais do que uma pequena parte desse imenso campo. Cada um desses pesquisadores produziu um pequeno recorte do imenso campo do discurso sob outro nome, um território que recobre pequenos espaços dos atuais estudos discursivos.

Em virtude disso, é preciso refletir sobre as condições históricas e epistemológicas que possibilitaram as diferentes irrupções dos estudos discursivos em nosso país a partir de sua emergência no contexto francês, à época de 1969, procurando compreender a sua emergência no cenário brasileiro como um campo de estudos do discurso.

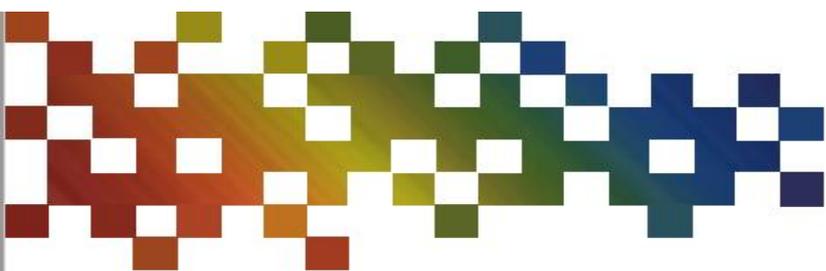


A França foi um dos principais lugares de desenvolvimento da análise do discurso (AD) ou o espaço em que, pela primeira vez, esse campo do saber foi definido sob esse nome como um empreendimento intelectual ao mesmo tempo teórico e metodológico apoiando-se sobre o estruturalismo numa relação polêmica. Se 1966 é o grande ano do estruturalismo³, o da análise do discurso é 1969 quando a revista de linguística *Langages* dedica um número especial (o número 13) a um domínio novo chamado “análise do discurso”. No mesmo ano, M. Pêcheux publica um livro intitulado *Análise Automática do Discurso* e M. Foucault *A Arqueologia do Saber*, obras que, cada um a seu turno, colocam o discurso no centro de sua reflexão.

Em seus princípios, Pêcheux retoma algumas ideias defendidas por Louis Althusser e Jacques Lacan; já Foucault, por outro lado, não se insere como analista do discurso e suas contribuições são difíceis de mensurar, mesmo não sendo o fundador de uma escola francesa de AD, o filósofo francês trouxe a noção de discurso para suas reflexões. Ambos contribuíram significativamente para essa disciplina de estudos, perguntando-se sobre os diferentes lugares institucionais das práticas discursiva (abordado por Foucault) e a questão da subjetividade (em Pêcheux), concebida como um efeito do discurso (ANGERMULLER, 2016).

Desse modo, Michel Pêcheux figura entre os primeiros a promover essa mudança de pensamento no campo da Linguística. Em suas considerações teóricas, o autor tinha como objetivo abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais e, em especial, na psicologia social. Centralmente, ele contesta que possa batizar de ciências as disciplinas que, sob o acobertamento do sujeito psicológico, ignoram, ou não querem saber, de sua relação com a política ao se paramentarem com atributos da cientificidade emprestados da estatística e da linguística. Em sua *Análise Automática do Discurso* (AAD69), conduziu pela primeira vez um objeto radicalmente novo: o discurso. Esta primeira “máquina discursiva”, a seu ver, desempenhava o papel do momento quase mítico da fundação e também como protótipo, remodelado sem cessar, criticado, corrigido, finalmente abandonado, mas sempre presente. A AAD é um livro original que chocou, lançando, a sua maneira, questões fundamentais sobre

³ Nesse ano, em particular, foram publicadas as obras *As palavras e as coisas* de Michel Foucault; *Os Escritos* de J. Lacan; *Crítica e verdade* de Roland Barthes; a *Semântica Estrutural* de A. -J. Greimas; *Os Problemas de linguística geral* de E. Benveniste.

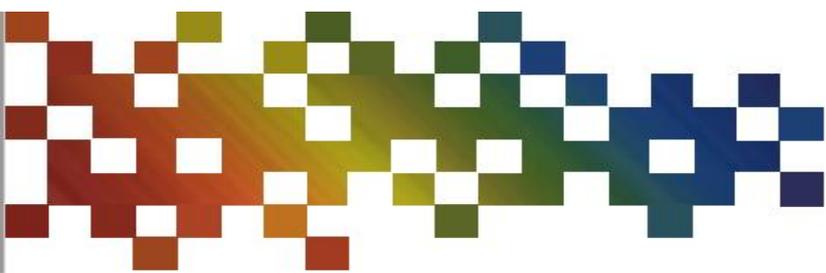


os textos, a leitura, o sentido num momento pós-estruturalista. Paul Henry e Michel Plon, amigos do filósofo francês, contam como nasceu o projeto de construir uma máquina “que seria uma espécie de máquina de guerra, uma versão moderna do cavalo de Tróia destinado a ser introduzido nas ciências sociais para aí produzir uma reviravolta” (MALDIDIER, 2003, p. 19). O dispositivo da AD como um instrumento científico é o primeiro modelo de uma máquina de ler que busca literalmente a leitura da subjetividade.

A produção teórico-analítica da análise do discurso na década de sessenta, na França, voltava-se, inicialmente, para os confrontos produzidos no campo da política, em um momento conturbado da história, marcado por sucessivas revoluções (consolidação do Partido Comunista Francês, lutas promovidas pelos estudantes – o famoso Maio de 68, independência das colônias francesas). Entretanto, é nos anos oitenta que vemos o ápice das revisões teóricas fundamentais da AD de orientação francesa (ou ADF). Duras críticas ao projeto de Pêcheux foram tecidas após a sua morte em 1983, e seu grupo, que estivera ao seu lado desde os trabalhos da AAD 69, esfacelou-se. A crise do estruturalismo e do marxismo fora responsável por uma desconstrução teórica de alguns dos principais pensadores do momento (Althusser, Pêcheux, Foucault) trazendo para o cenário uma “gramaticalização” dos estudos sobre o discurso, isto é, despolitizando (ou desmarxizando) toda a influência que a ADF, à sua época de ouro – das “três épocas”, segundo Pêcheux (2014) – tinha sobre o campo político visando novos ares como a relação da língua com a história, por exemplo (COURTINE, 1999, p. 12).

Assim, sob esse pano de fundo de grandes refacções, víamos uma *desconstrução domesticada* (MALDIDIER, 2003) em que a França, em se tratando da análise do discurso, buscava reinventar, despregando-se de textos escritos essencialmente políticos – à época da “aventura teórica” – e fomentando novas discussões, superando, sobretudo as “épocas” de M. Pêcheux⁴. Já em relação ao Brasil, podemos pensar em um cenário completamente diferente de produção discursiva e recepção dos textos em AD. Trata-se, pois, de ressaltar grandes diferenças históricas e temporais: enquanto formulavam-se revisões no projeto de Pêcheux na

⁴ No mesmo período, haviam outros estudiosos que estavam preocupados em analisar o discurso e tal simplificação é apenas tomada metonimicamente. Entre os estudiosos do momento, destacamos: Barthes, Todorov, Kristeva, Greimas e outros. A seu modo, cada autor pensou a “análise do discurso” de maneira bastante diferente.

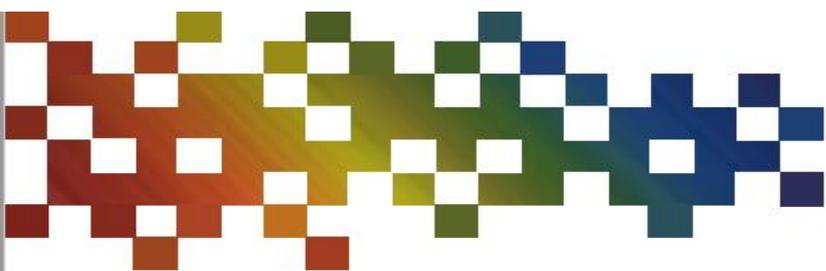


França, superando-o teoricamente e dissolvendo as discussões no campo das ciências sociais, a análise do discurso pecheuxtiana⁵ encontrou um solo bastante fértil e propício no Brasil, coincidindo com o início da “abertura política” dos anos oitenta. O distanciamento provocou uma disparidade teórica entre ambos espaços de pesquisa, desenvolvendo em solo brasílico um campo peculiar de (re)leituras, já que a recepção e as traduções dos textos de Pêcheux não seguiram a cronologia francesa de publicação e, dessa forma, as diferentes “épocas” e suas sucessivas reconfigurações teóricas foram lidas a partir de ordens diferentes determinando o modo de circulação da sua teoria. A partir disso, não podemos deixar de trazer como exemplo o próprio texto do precursor e inspirador da ADF, M. Pêcheux, intitulado *Análise de discurso: três épocas* – escrito em 1983 na França – contudo, publicado no Brasil apenas em 1995.

Ademais, devido a nossa tradição de estudos linguísticos, baseada sobretudo nos trabalhos de cunho estruturalista norte-americano e gerativista, graças às influências de Mattoso Câmara e de sua formação, a recepção da ADF no Brasil soou diferentemente, possibilitando que narrativas outras, a partir de outros objetos de análise fossem possíveis. Sob esse prisma é que encontramos outra particularidade da AD do Brasil diante da francesa: temos uma diversidade de *corpora* bastante significativa, baseada numa heterogeneidade de gêneros discursivos que passam desde os discursos institucionais até os do cotidiano, tais como o literário e o humorístico; já em relação à França, o discurso político foi predominante nas análises e no projeto epistemológico pecheuxtiano.

Durante algum tempo, a análise do discurso foi alvo de represálias justamente porque sua gênese estava ligada ao contexto político e nem tudo, diante dessas condições opressoras, poderia ser dito. As suas ideias, na sua emergência, enquanto um pensamento revolucionário, eram apresentadas “timidamente” aos pesquisadores brasileiros coincidindo com a sua implantação no cenário universitário. Podemos dizer que seus desdobramentos surgem imersos à uma disciplina de *entremeio* (ORLANDI, 1999), reconfigurando a maneira de se reportar à língua a partir de certos posicionamentos ideológicos, históricos e sociais. Embora

⁵ O próprio nomear – análise do discurso pecheuxtiana – corrobora, numa outra história, os caminhos outros e as irrupções teóricas outras desenvolvidos no Brasil. Trata-se, a nosso ver, de uma vertente de trabalho voltada às questões do materialismo histórico e que possibilitaram que teorias brasileiras do discurso – tais como a teoria do silêncio, de Eni Orlandi (2007), por exemplo – surgissem e reconfigurassem o cenário heterogêneo e plural do campo de estudos do discurso brasileiro.



a sua história inicial também figure no discurso político, a AD do Brasil (AD brasileira) assumiu características particulares, sendo desenvolvida em diferentes contextos acadêmicos e por diferentes grupos de pesquisadores que ligavam-se às distintas formas de representar o seu objeto observacional. Dado esse caráter heterogêneo de fundação/recepção/institucionalização brasileiro é que possibilitou observar a análise do discurso por meio de outros olhares, isto é, por meio de suas diferentes narrativas que compõem todo o seu acontecimento na história brasileira.

Com efeito, podemos afirmar que a AD brasileira é, na verdade, Análises de Discursos, no plural, dada a diversidade de perspectivas e/ou vertentes que aqui se desenvolveram (e ainda se desenvolvem) após os anos oitenta: AD francesa – ou também conhecida como AD pecheuxtiana; ACD – Análise Crítica do Discurso; ADD – Análise Dialógica do Discurso; as teorias enunciativas – a partir de Benveniste aos contemporâneos e as diferentes versões das semióticas, a francesa, a inglesa, a norte-americana e a russa, entre outras. É dessa forma que podemos pensar que não haveria um único fundador dessa *Teoria das Ideologias*, mas que sua paternidade, de certo modo, seria atribuída às múltiplas figuras que retrataram, direta ou indiretamente, os pressupostos teóricos em torno da noção de discurso, isto é, temos, assim, diferentes inspiradores que contribuíram, a seu modo, com o desenvolvimento do projeto epistemológico da análise do discurso.

É dessa herança, sobretudo a da tradição francesa, que os pesquisadores e estudiosos brasileiros buscaram referências para os estudos discursivos no Brasil propondo novas ideias com o *jeito antropofágico* brasileiro, transformando e ampliando os seus conceitos. A partir dos anos noventa, vemos uma preocupação dos autores brasileiros em propor novas teorias de discursos diante de um conjunto de materiais disponíveis.

O processo de disciplinarização da análise do discurso nas instituições alcançou um significativo aumento a partir da década de 1980 por meio da implementação da carreira na pós-graduação, haja vista que a palavra “discurso” e as suas expressões variáveis “análise do/de discurso” ou “teorias do discurso” em nosso país não representaram uma ligação forte a um determinado pensamento teórico como desenvolvido na França.

No caso brasileiro, o desenvolvimento da análise do discurso não se restringiu apenas ao discurso político, graças à heterogeneidade do objeto observacional, pôde-se criar objetos



teóricos bastante diferentes. Assim, a AD brasileira tem adquirido características peculiares e se expandido, se mostrando exatamente pela sua heterogeneidade, composto pela multiplicidade de memórias, de olhares dentro de um campo (inter)discursivo. É chegado o momento de compreender e observar a história desses conceitos, considerando toda a sua tradição francesa, mas reverberando, pois, as características que os definem como constructos teóricos dos trópicos.

2. Nos caminhos da história: análise do discurso brasileira

Durante muito tempo, a linguística no Brasil desenvolveu-se, basicamente, a partir das reflexões empreendidas de modelos teóricos europeus e norte americanos, cujo objetivo era eleger (ou importar?) uma certa visão sobre a língua e aplicá-la sobre os dados em português. Atualmente, a nossa linguística – linguística do Brasil – mais madura e estabelecida, talvez, conta com modelos próprios que tomam a linguagem como objeto de sua reflexão. Não se trata de ressaltar uma ou outra teoria, considerando seus pontos positivos ou negativos, mas, em especial de reconhecer que pesquisadores brasileiros beberam da fonte estrangeira, adaptando e aproveitando da melhor maneira o que havia de bom.

Uma primeira versão desses estudos discursivos à moda brasileira é apresentada por Baronas (2015) na obra *Estudos discursivos à brasileira: uma introdução*. Trata-se de uma coletânea de artigos, de diferentes correntes de estudos do discurso e de diferentes autores/pesquisadores brasileiros, que abordam o cenário atual de nosso país acerca dos desenvolvimentos desse campo discursivo, na esteira de Maingueneau (1997) e, sobretudo, da análise do discurso. O linguista brasileiro começa apresentando uma audaciosa, porém interessante e pertinente hipótese de trabalho: “há no Brasil não somente teorias próprias do idioma, conforme já enfatizado por diversos estudiosos, mas também teorias brasileiras de discurso” (BARONAS, 2015, p. 16). Sob esse prisma, ele afirma que importantes pesquisadores brasileiros já propuseram a elaboração de teorias brasileiras de linguagem.

Como forma de elucidar tal afirmação, o linguista brasileiro faz referência a um artigo, cujo título é *Uma teoria brasileira do idioma*, publicado na Edição 78 da Revista Língua Portuguesa por Marcelo Módulo e Henrique Braga (2012). Os autores mostram algumas das teorias linguísticas desenvolvidas por estudiosos brasileiros em nossa geografia nos últimos Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.43, p. 01-357, jul.-set., 2019.



anos, destacam, por exemplo, a *Gramática construtural da língua portuguesa*, de Back e Mattos (1972); a *Sociolinguística paramétrica de Tarallo e Kato* (1989); e a *abordagem multissistêmica de Ataliba Teixeira de Castilho* (2010). A discussão no artigo centra-se numa breve exposição da teoria proposta por Ataliba de Castilho: Módulo e Braga mobilizam o item lexical “contra” para mostrar alguns dos problemas que a teoria de Castilho tenta elucidar,

[...] Quais traços semânticos esse vocábulo pode comportar? Como esses traços foram agrupados (lexicalizados) nessa palavra? Qual o comportamento desse termo na estrutura sintática de uma frase? Como os falantes usam essa palavra na interação com outros indivíduos? Uma análise multissistêmica pressupõe essa multiplicidade de questões sobre um mesmo fenômeno linguístico (MÓDULO; BRAGA, 2012, p. 26-27).

Sob tais contribuições, Baronas (2015), como forma de ratificar a sua hipótese, também mobiliza uma fala intitulada *A fábrica de ideias linguísticas do Professor Salum, o pinheiro e o lago* do professor Rodolfo Ilari (Unicamp), proferida na Universidade de São Paulo durante a realização do 61º Seminário do GEL, em julho de 2013. A conferência realizada pelo professor Ilari teve como objetivo mostrar o conjunto de textos manuscritos pelo Prof. Salum, produzidos em meados dos anos sessenta, cujas ideias refletiam sobre uma *Abordagem linguístico-retórica dos textos*, ou mais popularmente, a *Teoria dos Garfos*⁶ criada pelo professor Isaac Nicolau Salum. Diante de tais situações destacadas, podemos afirmar que há uma “existência não só de uma linguística no Brasil, [fruto de uma herança], mas também de uma linguística do Brasil” (BARONAS, 2015, p. 16) graças à diversidade de vertentes que aqui se configuram e da forma como o discurso é empregado nas suas diferentes materialidades.

Expandindo tais características brasílicas para área do discurso, por exemplo, vemos constantes reformulações e proposições teóricas que podem ser pensadas à moda brasileira, tais como a *Semiótica da canção* proposta por Luiz Tatit (2007); a *Teoria do silêncio* de Eni Orlandi (2007), a *Semântica do acontecimento* proposta por Eduardo Guimarães (2005); a *Teoria dos estereótipos básicos e opostos* (2010) de Sírio Possenti, entre outras. Tais teorias,

⁶ A teoria tem como função compreender as relações de sentido promovidas entre os diferentes níveis de um texto. Ou seja, é uma teoria que busca entender o funcionamento da “inteligência linguística do texto”, em especial, o literário procurando descrever os seus valores semânticos, estilísticos, retóricos e ideológicos (BARONAS, 2015).



apesar de tomarem o discurso como objeto de observação, cada uma delas constrói o seu objeto teórico⁷ de maneira bem diferente.

Nesse sentido, Baronas (2015) defende a ideia de que há uma ciência brasileira de língua(gem) voltada aos estudos discursivos. Ao fazer referência a uma ciência, o autor não objetiva negar o seu caráter universal, mas apenas dá destaque à singularidade das ciências – organizadas pelas diferentes teorias de discurso – elaboradas e desenvolvidas por autores e pesquisadores brasileiros no âmbito da linguagem⁸.

Além disso, vemos no prefácio de sua obra uma apresentação sugestiva do campo dos estudos discursivos no Brasil delineada pela pesquisadora Diana Luz Pessoa de Barros, uma reconhecida semiótica brasileira. A nosso ver, tal diálogo corrobora com as afirmações do autor acerca da composição desse campo – heterogêneo – no Brasil, cuja semiótica francesa, em especial a de tradição greimasiana, assume um importante lugar. Desse modo, a pesquisadora brasileira aponta que em outros trabalhos os diferentes estudos do discurso trouxeram novas posturas e objetos aos estudos da linguagem datados da segunda metade do século XX, destacando-o a partir de fundamentos e quadros teórico-metodológicos diversos.

Em virtude disso, por estarem nesse “vão” pouco estável, os estudos do discurso assumem um papel digno entre os estudos linguísticos, rompendo com a tradição da estabilidade desses estudos e recuperando a instabilidade própria da linguagem. Podemos dizer, com base em Barros (2015), que os rumos⁹ dos estudos do discurso em solo brasileiro tiveram um desenvolvimento significativo e por essa razão é que podemos pensar os estudos do discurso à brasileira. É importante frisar que tais afirmações não reforçam a criação de

⁷ Borges Neto (2010) diz que “o objeto observacional de uma teoria científica é o conjunto de fenômenos, a porção de realidade, que a teoria assume como seu objeto; o objeto teórico é a construção (o modelo) que o cientista idealiza como representação do objeto observacional” (p. 1).

⁸ Assim como Baronas (2015), não propomos negar o caráter universal da ciência ou colocarmos-nos enquanto um Policarpo Quaresma, cujo sentimento ufanista/nacionalista é pregnante, mas apenas dar destaque às singularidades das pesquisas desenvolvidas em solo brasileiro, isto é, fazendo referência à gramatiquinha de Mario de Andrade, sejamos brasileiros, sem sermos nacionalistas. Diante do conjunto extenso de correntes dos estudos do discurso que atualmente compõem o espaço discursivo brasileiro, propomos observar algumas delas, mostrando o seu projeto epistemológico a qual está vinculada e os possíveis desdobramentos a partir dos diferentes materiais que os discursivistas brasileiros se utilizam para compor sua “nova” teoria.

⁹ A palavra *rumo*, empregada aqui, é emprestada de Barros (2015) e está inscrita no âmbito da semiótica francesa. A autora toma sua significação como “movimento, construção, transformação, intencionalidade e direcionalidade” (p. 8) que define os caminhos dos estudos discursivos no Brasil.



novas teorias, outros paradigmas, a partir da seleção de novos métodos e objetos, todavia permite-nos dizer que os estudos à moda do Brasil possibilitam mostrar os desdobramentos, os deslocamentos, as ramificações e as alterações que são feitos numa teoria de base francesa, cujas contribuições vieram, de certo modo, do projeto epistemológico de Pêcheux e sua *Análise Automática do Discurso* (1969).

Outro fator relevante que caracteriza tal alargamento do campo, defendido por Sírío Possenti (2010, 2018) no interior da análise do discurso, é que ela não deve se ocupar apenas de discursos institucionais e/ou públicos, pois, a seu ver, a teoria muito teria a ganhar se considerasse outros tipos de discursos, menos institucionais e mais fluidos como, por exemplo, os discursos do cotidiano, a saber: o discurso humorístico. Tais discursos tornaram-se objeto de diferentes reflexões nos últimos anos, como a semiótica da canção, proposta por Tatit em 2007 que, de uma só vez, procura observar melodia e letra.

Deveríamos, assim, acrescentar a tais ideias, traços marcantes de um campo de estudos de discurso que se fazem em solo brasileiro que, muito provavelmente, não têm medo de abrir sendas e/ou veredas, percorrer caminhos poucos seguros, procurar certos desvios, manter a preocupação com a sociedade, a história, a cultura etc. Temos, com tais reflexões à brasileira, características próprias que fazem desse campo um espaço discursivo peculiar e único, fonte de inúmeras discussões e reflexões – ainda pouco difundidas, talvez – entre os espaços de pesquisa do Brasil, como resultado de uma heterogeneidade de pensamentos e reflexões que compõem nosso país e, assim, permite criar canteiros de trabalho distintos. Tais proposições, *mutatis mutandis*, têm significativamente contribuído para o conhecimento da linguagem, em um campo de expressivo desenvolvimento, por meio da língua e de seus discursos, assim como, em seu modo brasileiro de ser, isto é, permite a disposição de novas ressignificações – e novas acepções – a partir de novas materialidades em que o discurso configura-se como objeto de trabalho.

Para citarmos um exemplo desse possível deslocamento, enquanto uma corrente das análises de discursos praticada no Brasil, inscrita numa tendência materialista, podemos trazer os pressupostos desenvolvidos pelo pesquisador Eduardo Guimarães (Unicamp) a respeito de uma *Semântica do acontecimento* (GUIMARÃES, 2005). Apesar de sua filiação teórico-metodológica estar inscrita num modelo formal da enunciação de Benveniste, trazer

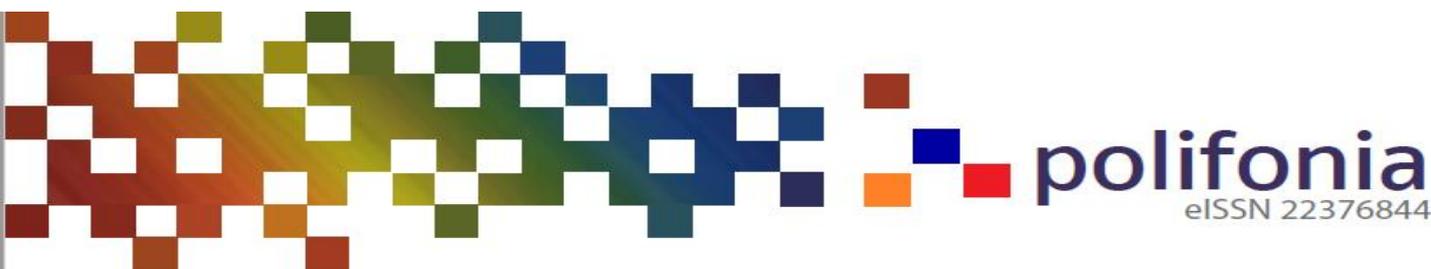


contribuições da teoria polifônica da enunciação de Ducrot e de pensar a enunciação como acontecimento de linguagem inscrito na história (a partir de um memorável), ele, à sua maneira, contribui para um deslocamento epistemológico desses princípios e concretiza uma nova maneira de dizer sobre o discurso, desenvolvendo, com isso, uma teoria de discurso.

Dessa forma, segundo o estudioso, para que um acontecimento ocorra é necessário destacar dois elementos que são decisivos para sua realização: a língua e o sujeito na constituição histórica do sentido. Além desses dois elementos, pode-se considerar também a questão da temporalidade dos acontecimentos, que se torna fator relevante para definir o sentido e propor novas interpretações, novos gestos de leitura. Para tal funcionamento discursivo, é necessário que haja uma materialidade histórica do real, considerado não apenas um ser físico, produtor de enunciações, mas um ser que enuncia “afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (GUIMARÃES, 2005). O acontecimento, segundo o autor, temporaliza, o sujeito não é o responsável pela temporalização, mas é o próprio acontecimento.

Como podemos observar nessa breve exposição, Guimarães (2005) parte de alguns princípios iniciais da análise do discurso de base francesa para construir, a seu modo, sua narrativa, modelando-a a partir de sua própria teoria de discurso. Enquanto proposição, essa teoria também não invalida ou refuta o núcleo duro da disciplina AD, mas expande, desloca, transforma a teoria, configurando-a em uma nova forma de abordar a questão do discurso. Poderíamos pensar, assim, numa expansão ou ramificação teórica do discurso enquanto disciplina brasileira, pois é constituída por uma metodologia pertinente para o tipo de objeto eleito.

Sob esse prisma, se considerarmos a teoria de Guimarães (2005), por exemplo, poderíamos dizer que tais pressupostos não refutam o núcleo firme da AD, mas o expande e o coloca à prova nos mais diferentes dispositivos. Além disso, os artigos gerados sobre o tema e publicados em revistas, as pesquisas nos diferentes níveis de formação, utilizando-se das reflexões do linguista brasileiro, as agências de fomento que fornecem recursos para o desenvolvimento da pesquisa, entre outras, compõem uma certa rede e promovem, assim, práticas científicas no interior desse campo de discurso.

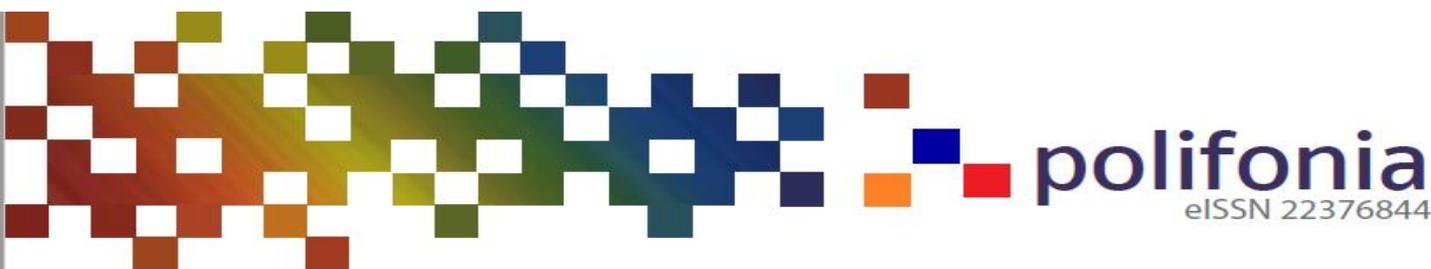


Nesse caminho, ao fazermos uma leitura epistemológica de um determinado campo de saber, procuramos, de certa maneira, demarcar os seus desdobramentos e ramificações por meio de teorias, no plural, isto é, compreender a natureza do conhecimento obtido nas diversas ciências, dos métodos e modos de operar de cada uma delas. Isso permite a construção de um conhecimento seguro, atestado empiricamente e sistemático, em que tudo é comprovado cientificamente. A partir de um método, pode-se enunciar problemas, formular e testar hipóteses e chegar a possíveis (in)conclusões. Tais princípios, muitas vezes, mostrados por determinadas leis ou regras generalizadas, possibilitam que as teorias científicas sejam capazes de explicar determinados fenômenos.

Em outras palavras, para propormos essa leitura epistemológica sobre a análise do discurso no/do Brasil, é preciso pensarmos sobre o seu processo de constituição enquanto uma ciência que implica um conjunto de fatores, a saber: sujeitos pesquisadores, teorias discursivas, grupos de pesquisas, artigos, revistas, agências de fomentos, entre outros, que, juntos, corroboram a construção desse espaço científico-discursivo, o “campo dos estudos de discurso”. Para a construção dessa “ciência discursiva do Brasil”, inscrita num campo de estudos do (sobre o) discurso, baseamo-nos nesses fatores para a construção de uma rede de pesquisa, conforme definido por Latour (1997, 2000, 2001). Ou seja, analisamos o modo como todos os elementos de um campo, sejam eles atores¹⁰ humanos e não humanos, contribuem para a sua construção e sua constituição. A abordagem de Latour é bastante interessante e contemporânea; de cunho sociológico e antropológico, suas ideias em torno de uma *Nova Sociologia da Ciência* foram propulsoras dos estudos sobre a prática científica, retomando questões já levantadas por outros autores, mas (res)significadas e imersas em um contexto diferente: o da Sociologia¹¹.

¹⁰ Ao trazer a categoria de “ator”, Latour (2001) chama atenção dizendo que é preciso diferenciá-la do sentido tradicional, conferido pela Sociologia. Ao fazer isso, na *Teoria Ator-Rede* (TAR), “ator” é tudo que age e deixa um traço, podendo referir-se a pessoas, instituições, animais, máquinas etc. Ou seja, o “ator” que se refere Latour não se trata apenas de humanos, mas também de não humanos. O próprio pesquisador francês sugere o termo “actante” para “fugir” dessa possível associação inicial (Latour, 1997, 2000, 2001).

¹¹ Bruno Latour (1997, 2000, 2001) compõe o cenário dos estudiosos que pensaram os diferentes modelos epistemológicos acerca da prática científica nos últimos anos – trata-se de um autor vivo –; suas reflexões aproximaram-se, de certo modo, das reflexões desenvolvidas por muitos teóricos e estudiosos do campo da linguística; sendo esta uma ciência piloto das ciências humanas, muitos outros campos sofreram influências sobre o modo de pensar a filosofia da ciência, retomando aspectos como as relações entre os sujeitos, objetos e o

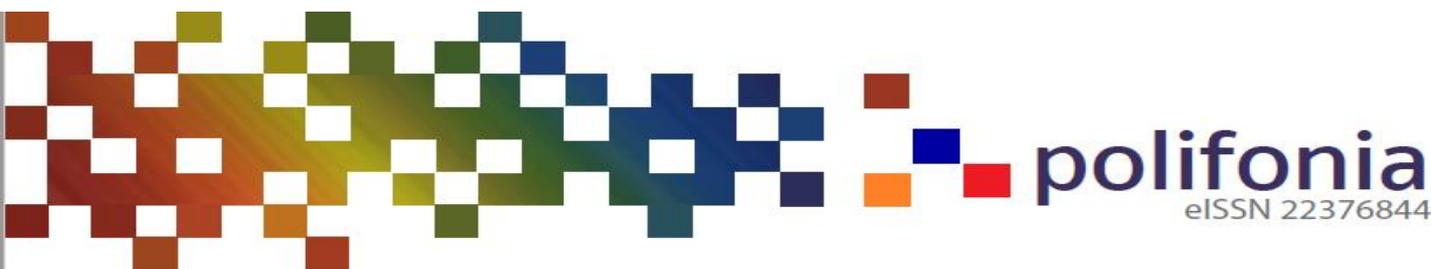


Assim, Latour (1997) buscou problematizar o fazer científico a partir da influência de fatores externos ao seu desenvolvimento, traços do ramo da sociologia das ciências. A crítica feita por ele em torno desse ramo consiste no fato de que as abordagens convencionais de sociologia das ciências adicionam a sua interpretação um “contexto social” dado e já constituído à prática científica, não questionando, desse modo, o próprio conteúdo. Logo, é preciso observar o cientista. A única maneira de compreender a realidade dos estudos científicos é acompanhar o pesquisador em ação, considerando que a ciência está fundamentada em práticas e não somente em ideias. Em seu método, a ação efetiva dos cientistas, em estreita combinação com os objetos com os quais ele interage, deixaria de ser ilustrativa e passaria a adquirir uma função de observação e descrição dos fatos, possibilitando investigar o seu processo de construção em seus mínimos detalhes, em cada gesto dos cientistas – e por diferentes narrativas e/ou pontos de vista sobre os fatos (LATOURE, 2000).

Em outras palavras, esses diferentes pontos de vistas são produzidos pelos diferentes textos, escritos por autores brasileiros, que compreendem um conjunto de dizeres inscritos nas diferentes vertentes e correntes discursivas, compondo, assim, uma rede de atores, segundo Latour (1997, 2000, 2001). Eles ressignificam não apenas a teoria francesa e criam novos caminhos de leituras, mas também promovem um certo acontecimento capaz de (re)contar uma dada teoria diferentemente. Com efeito, tal acontecimento não é apenas teórico e linguístico, mas sobretudo discursivo, retratado pelas diferentes formas de significar a geografia e a história de um dado campo de estudos, o do discurso. Chamamos, pois, de *acontecimento metadiscursivo*.

Em suma, das diferentes reflexões de pesquisa em teoria brasileira de discurso, constituídos por diferentes redes de atores humanos e não humanos que compõem o campo, encontramos diferentes narrativas que (re)contam a história da análise do discurso brasileira, refletindo e refratando diferentes acontecimentos metadiscursivos capazes de difundir e redefinir o conhecimento científico de uma dada área – do discurso – e, com isso, definir,

contexto social na produção dos discursos. Por se inserir nas ciências sociais e humanas, a teoria implementada por Latour chega a trazer contribuições interessantes a nós, cientistas da linguagem, tais como a noção de ator-rede.



também, uma certa prática científica, capaz de ressignificar as teorias estrangeiras e de dar características nacionais que configuram, talvez, uma análise do discurso brasileira (ADB).

3. Considerações finais

A partir do momento que há publicação em forma de livros, artigos e a teoria divulgada em congressos científicos, revistas de divulgação, disciplinas na graduação e pós-graduação, promovendo, assim, uma rede de pesquisa, podemos dizer que há estudos que se fixam e se consolidam no Brasil como um campo de estudos de discurso. Desse modo, podemos observar a constituição da análise do discurso como um emaranhado conjunto de nós de uma rede discursiva, interligados por uma reunião de fios discursivos que representam os deslocamentos epistemológicos ocorridos em relação à AD no/do Brasil como se fossem uma “colcha de retalhos”, em que cada segmento de tecido, diferente um do outro, correspondesse a vertentes e correntes de discurso distintas que se desenvolvem nos diferentes espaços de pesquisa do nosso país.

Ao longo dessas breves páginas, nosso objetivo não foi limitar o campo a apenas algumas teorias discursivas, pelo contrário, propomos construir um caminho de reflexão ainda pulsante acerca dos desdobramentos epistemológicos da AD em nosso território a partir das diferentes irrupções teóricas em diferentes partes do Brasil. Assim, é difícil de defender a ideia da emergência de um olhar único sobre o discurso. Da mesma forma que, em outros contextos mundiais, no Brasil, é preciso trabalhar com a tese da irrupção de inúmeros estudos discursivos em distintos contextos acadêmicos. Entre outros trabalhos, podemos destacar algumas propostas de pesquisas promovidas por brasileiros que se debruça(ra)m sobre os estudos de discurso, cuja emergência ocorreu em sua grande maioria entre os anos setenta e noventa do século passado, em pleno período da ditadura civil-militar e no auge do estruturalismo em linguística, a saber: a abordagem dialógica, advinda de Bakhtin e seu *soi-disant* círculo e desenvolvida por Brait, Faraco, Geraldí; a semiótica de Greimas e desenvolvida por Pais, Blikstein, Silva, Lopes, Barros e Fiorin; a semiótica pierceana de Pierce e desenvolvida por Santaella; a semiolinguística de Charaudeau e desenvolvida por Ida Lúcia Machado; a crítica de Fairclough e Van Djick e desenvolvida por Magalhães; a materialista de Pêcheux e desenvolvida por Orlandi; a historicista de Michel Foucault e Jean-



Jacques Courtine e desenvolvida por Gregolin e Coracini e a enunciativa de Maingueneau e desenvolvida por Possenti, Souza-e-Silva e Baronas.

Nesse sentido, procuramos descrever alguns caminhos desse campo no cenário brasileiro considerando toda a sua herança francesa. Tal *Teoria das Ideologias*, inicialmente, de cunho político e revolucionário, assumiu uma conjuntura teórica bastante singular, configurando-se não somente na leitura dos clássicos autores franceses – tais como Pêcheux, Foucault etc. – mas também possibilitou percursos teóricos bastante diferentes do que ocorrera na França no final dos anos sessenta, assumindo-se, assim, um campo de pesquisa no/do Brasil.

Olhar para a história é colocar-se constantemente em novas significações de acontecimentos passados – em novos acontecimentos metadiscursivos – que ainda são recorrentes e importantes para a descrição de uma disciplina científica. O modo que tomamos esses acontecimentos é o que definirá nossa busca – por vezes incessante – trazendo novas perspectivas de trabalho como advertência de um futuro que ainda está por vir e que ainda o faz (re)significar. Não sabemos qual será o destino da análise do discurso no/do Brasil diante de tantas perspectivas e pontos de vistas, pois o futuro sempre será incerto, contudo, podemos afirmar que existe uma certa *movência* de teorias e perspectivas que promovem uma constante re-atualização do campo de estudos do discurso, ela é responsável, também, por instigar a busca de novas práticas de pesquisa que ratificam um fazer científico brasileiro, enquanto lhe é próprio, cada vez mais único e singular, fruto de uma determinada cultura de interpretação.

4. Referências

ANGERMULLER, J. *Análise de discurso pós-estruturalista: as vozes do sujeito na linguagem em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers*. Campinas: Pontes Editores, 2016 [2013].

BARONAS, R. L. *Estudos discursivos à brasileira: uma introdução*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

BARROS, D. L. P. Estudos do texto e do discurso no Brasil. In: BARONAS, Roberto Leiser. *Estudos discursivos à brasileira: uma introdução*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

BORGES NETO, J. História e filosofia da linguística: uma entrevista com José Borges Neto, 2010. Disponível em: <

Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.43, p. 01-357, jul.-set., 2019.



http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_borges_netto.pdf>. Acesso em: 18 de mar. 2019.

COURTINE, J-J. O discurso inatingível: marxismo e linguística. *Cadernos de tradução*, n^o. 6. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1994.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo. Editora Unesp. 2000.

MAINGUENAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MÓDULO, M.; BRAGA, H. Uma teoria brasileira do idioma. *Revista Língua Portuguesa*, ano 7, n^o. 78, 2012. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/000783721c258f74da98f>>. Acesso em: 23 de out. 2018.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*. Campinas: Editora Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso : três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

POSSENTI, S. *Cinco ensaios sobre o humor e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2018.

POSSENTI, S. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

TATIT, L. *Semiótica da canção: melodia e letra*. São Paulo: Editora Escuta, 2007.